

CORREIO DO VOLTA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES
Editor—José Ferreira de Magalhães

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
PORTO

Não se devolvem originaes nem se accetta collaboração que não seja sollicitada.

CARTAS D'ALGURES

Meu amigo:

Como v. não ignora, eu ando sempre na lua a respeito da politica—não só do paiz, em geral, como da do nosso districto, em particular. Agora, por exemplo, toda a gente se preocupa em saber quem serão os candidatos por Freixo d'Espada-á-Cinta ou por Paio Pires, e eu contento-me com ouvir dizer que as eleições estão marcadas para o dia 28, mas que, d'harmonia com a lei, em muitas terras, os deputados já foram proclamados, não tendo os eleitores que se incomodar a ir á urna.

Uma coisa apenas, n'este momento, me tira da minha habitual indiferença em materia politica.

Eu explico-me, mas, antes, queira o leitor ter o incommodo de passar uma vista d'olhos pela seguinte noticia que recorto do diario portuense *A Montanha*:

Aveiro, 16. Não havendo sido sancionada pelo Directorio a candidatura do nosso amigo, valioso e intrepido combatente da Republica, Alberto Souto, director da «Liberdade» e membro da Commissão Districtal Republicana de Aveiro, escolhido pelas comissões de Aveiro e do circulo, e que ha apenas um mez deixou de ser administrador de Estarreja onde esteve desde a proclamação da Republica, aquelle nosso amigo enviou hoje ao sr. dr. Euzébio Leão o seguinte telegrama:

Dr. Euzébio Leão, Directorio—Lisboa.

Peço demissão de vogal da Commissão Districtal de Aveiro e declaro não accediar menor protecção official á minha candidatura pela minoria. Não entrando na lista do partido, apresento a candidatura absolutamente extra-partidaria.

E como o partido não precisa já de mim por ter muitos adherentes de mais valor e dedicação republicana, desligo-me de todos os compromissos para com o partido.

Estou bem pago de todos os sacrificios que fiz, vendo a Republica implantada, e da dor que me causa o separar-me de meu partido, sou bem pago com a sympathia do povo e amizade de correligionarios e até mesmo com a acintosa e ingrata desconsideração de V. Ex.ª

Consta-nos que por este motivo algumas comissões se vão demittir.

A candidatura do nosso amigo Alberto Souto é todavia apresentada, e o caso tem sido assumpto de viva critica em Aveiro.

O sr. Alberto Souto é estudante do 2.º anno juridico. Pelo menos, concluiu, o anno passado, o primeiro. Mas o regresso dos cursos livres tem-lhe permitido viver ausente de Coimbra, de modo que, como se diz na noticia transcripta, tem feito parte da commissão districtal d'Aveiro e apenas ha um mez deixou de exercer o cargo de administrador do concelho de Estarreja.

O sr. Alberto Souto, ninguém o negará, tem prestado serviços ao partido republicano, quer na imprensa, quer na praça publica. No concelho de Aveiro, não pôde deixar de dizer-se, foi elle um dos mais ardentistas e apaixonados propagandistas da fé republicana: não havia comicio em que não apparecesse, a instaurar o processo contra a monarchia e a derramar alguma luz nos cerebros, geralmente ás escuras, dos que o ouviam.

Mas será isto bastante para justificar a sua candidatura a deputado?

O Directorio parece ter entendido que não, pois não sancionou (mas sancionará ainda?) a proposta feita pelas comissões parochiaes d'Aveiro.

Pela minha parte, direi apenas que, se na verdade o sr. Alberto Souto está matriculado no 2.º anno de Direito, não compreendendo como elle ha-de assistir ás aulas na Universidade e ás sessões em S. Bento, caso seja eleito pela minoria, por que resolveu propôr-se extra-partidariamente, logo que o Directorio não sancionou a sua candidatura official.

Mas eu esquecia-me de que estamos no regimen de cursos livres...

Adeante.

O sr. Alberto Souto, como evidentemente se deprehende do telegrama que enviou ao Directorio, perturbou-se, melindrou-se, quasi amou, com a resolução tomada sobre a sua candidatura por este alto corpo politico. O sr. Alberto Souto, que havia quebrado tantas lanças pelo seu partido, rompe abertamente com elle, desligase de todos os compromissos partidarios, apenas porque o Directorio, não lhe sancionou a sua candidatura.

O sr. A. Souto inscreveu-se no partido republicano, não para um dia ser deputado, duvidas nenhuma temos sobre isso, mas porque julgou que assim cumpria o seu dever de cidadão.

Ha, portanto, parece-nos, no seu actual procedimento uma certa incoherencia, resultante talvez da falta de reflexão.

Mas pôde ser tambem que o sr. A. Souto esteja convencido de que a sua presença na Constituinte seja indispensavel, ou pelo menos, muito util.

E isto nos faz pensar, dolorosamente, na systematica recusa de Basilio Telles em ir ás Camaras, de Basilio Telles,

abalizado economista, com opiniões assentes, pôde dizer-se, sobre todos os ramos da administração publica, como tem provado nos seus livros, e ainda agora demonstrou com a publicação do seu programma de governo apresentado em 8 de outubro ao sr. Theophilo Braga.

Sim, porque se Aveiro, afinal com certa justiça, alguma coisa espera do sr. Alberto Souto, cujo merecimento se tem affirmado apenas nos comicios e na imprensa politica, o que não teria a esperar o paiz de Basilio Telles, que tem envelhecido no seu gabinete, estudando constantemente e produzindo obras de altissimo valor?

Seu do coração,

A. B. C.

ASSUMPTOS LITTERARIOS

UM POETA MENDIGO

Em Portugal, os poetas, durante todo o seculo XVIII, foram socialmente qualquer coisa de intermediario ao bobo e ao mendigo. Para não morrerem de fome e para não morrerem como o Bento Antonio ou o José Daniel, a vender litteratura de cordel pelas ruas, acolhiam-se á protecção das casas fidalgas. De ordinario, no estado das grandes familias nobres havia um poeta;—tão naturalmente como havia um cabelleiro italiano, um frade alcoviteiro ou uma bôba mulata. Eram preferidos os que cantavam lunduns á viola ou tinham pratica de glosar motes em outeros de Abadessado. Alexandre Antonio de Lima foi o poeta-bobo dos marquezes de Gouveia; Caldas Barbosa, o dos condes de Pombeiro. Ambos mulatos, ambos celebres nas modinhas brazileiras e no lundum chorado, ambos meritos na complicada arte de fazer rir o seu semelhante. O talento era então um simples titulo para se ser admittido á mesa dos creados nas grandes casas da nobreza. Os poetas tornavam-se os mais temiveis concorrentes dos franciscanos. Tolentino passou a vida a pedir esmola, com o habito de Christo a opesçoço. Bingre, o Malhão e o idiota do Saunier apodreçiam horas nas ante-camaras fidalgas exercendo uma verdadeira mendicidade. Dedicar um soneto equivalia a estender o chapéu. As cartas pedinchoras de muitos poetas do seculo XVIII desqualificariam hoje o mais modesto homem de lettras. No fundo d'essas creaturas apagadas tinham-se obliterado as mais fundamentaes noções de dignidade. Não havia orgulho, quasi não havia caracter. A *Nova Arcadia*, com o Doutor França, com o beneficiado Caldas, com José Agostinho, com Bingre, era uma côrte de bobos da casa Pombeiro, lisongeando a condessa, co-

mendo doce d'ovos, tocando viola, dizendo fecencias, roçando os calções pelos canapés, humilhando-se, intrigando, bajulando, alcovitando.

O conde, pelo luxo fidalgo de ter uma Academia em casa, dava esmola e mesa áquella assentada de Ménalo, cujo distinctivo symbolico era, contradictoriamente, um lyrio de prata impolluto. O *Almanach das Musas* ficou como documento reles das «quartas-feiras de Leren». Poetas, que eram principes pelo talento, mendigavam como pedintes de portaria. E nem uma revolta, nem um repellão de dignidade, nem uma reacção de orgulho: absolutamente nada. Foi preciso que apparecesse a figura pallida, curvada, rachitica de Bocage, para surgir com ella a primeira revolta e o primetro protesto. E' certo que Bocage mendigou tambem, que tambem pediu esmola para não morrer de fome; mas, honra lhe seja,—rebellou-se e protestou.

Ha quem duvide ainda da grandeza moral do primeiro dos nossos poetas setecentistas. Ha quem lhe não perdôe vicios e defeitos, isolando-o da sociedade a que pertenceu para o encerrar sob o falso criterio da moral d'hoje. Ora os grandes homens são productos do seu meio e da epocha. E' necessario conhecer-se a sociedade do fim do seculo XVIII para avaliar Bocage em toda a sua estatura moral. E' indispensavel comprehender-se a que supremo abandalhamento, a que situação de subserviencia e de miseria tinha chegado o homem de lettras, para que a rebellião e o protesto d'esse fallido glorioso surjam em toda a sua significação e em todo o seu valor. No momento historico em que desgraçadamente viveu, a bravura d'orgulho, a selvageria d'independencia de Bocage são a affirmacão irrecusavel d'um grande e solido caracter. Evidentemente ser-lhe-hia facil ter triumphado na vida, tanto quanto entre nós, em 1790, podia triumphar um poeta. Como todos os outros bobos e mendigos seus confrades, podia encostar-se aos Mecenas que o reclamavam, coçar a casaca em espaldares de damasco, trazer o estomago quente e a algebeira cheia. Bastava transigir, amoldar-se, adaptar-se. Em vez de andar embrulhado no seu velho capote de baetão azul, a arrastar pelas tabernas a sua independencia e os seus sapatos rotos, a sua miseria d'alcoolico e o seu orgulho de principe, podia ter explorado o meio em que vivia, ter sido como os outros, como todos, devoto e bandalho, parasita e adulator, bobo e alcoviteiro. Mas não. Entre Bocage e a sociedade que o rodeava estabeleceu-se desde logo uma essencial e profunda irreductibilidade. Deu sempre um pontapé na fortuna quando era preciso comprar a ao preço d'uma transigencia. Por temperamento, por caracter, por instincto, uma creatura livre, azeda, combativa e revoltada. Levado ao paço, de cochete, sumptuosamente, para improvisar por occasião do nascimento da Infanta Maria Thereza, podendo conseguir a protecção do principe, a sympathia da côrte, infiltrar-se, metter-se, triumphar,—

Bocage afasta-se do paço. Apresentando a Beckford, quando o riquissimo inglez, com Verdeuil e o conde de Lucatelli, vinha de visitar a Sé de Lisboa, podendo valer-se da sua amizade evidente, aproveitar o entusiasmo da sua admiracão, collocar-se, impôr-se,—Bocage afasta-se de Beckford. Devendo utilisar a estima de condessa de Oyenhausen, sua admiradora até á ternura, protectora desvelada de sua irmã Maria Francisca, lisongea-la, frequental-a, agrada-lhe,—Bocage afasta-se da condessa de Oyenhausen. Um dia, o erudito Thomé Barbosa hospeda-o, mata-lhe a fome, fal-o sentar á sua mesa, ler na sua bibliotheca, servir pelos seus creados, trata-o como a um filho, e quando lhe vem dar um começo de vida, como seu secretario, como seu collaborador, como seu amigo,—Bocage afasta-se de Thomé Barbosa. Por ultimo, fazendo parte da Nova Arcadia, admirado com sinceridade pelo conde de Pombeiro, regedor das Justicas do Reino, sendo-lhe das conseguir, como o mulato Caldas, um logar na Casa da Supplicação, podendo subir, triumphar, vencer, collocar-se,—Bocage, de subito, sem motivo, sem causa apparente, mette a ridiculo o conde, as quartas-feiras de Leren, o chá, os versos, os consocios, o ex-frade, o Mecenas, inimisa-se, insulta, achincalha, é declarado incapaz de ser recebido n'uma sala, move contra si a justiça, o Intendente, a Academia, as sécias, a nobreza, e ao mesmo tempo temido e detestado, admirado e perseguido, liquida-se, perde-se, isola-se, mata-se. Se compararmos este apontado de rebelliões, de isenções heroicas, com a subserviencia de bandalhos dos poetas da segunda metade do seculo XVIII, comprehendemos então que valor incalculavel teve o protesto de Bocage,—protesto unico, isolado, digno, honesto, no meio d'uma litteratura unctuosa de frade, de bobos, de hypocritas e de pedintes.

Entretanto, pediu esmola,—dir-se-ha. Não ha duvida. Pediu-a quando tinha fome. Mendigou muitas vezes um cruzado novo para o jantar da irmã. Recorreu alguns ao caldo e ao albergue dos frades da Boa-Hora. Mendigou, é certo, mas revoltava-se com toda a sua alma, com toda a sua indignação, com todo o seu orgulho, contra a necessidade de mendigar. A differença entre Bocage pedinte e os seus confrades do seculo XVIII, estava positivamente n'isso. Os poetas-mendigados de 1780 cultivavam a esmola, parasitavam, beijavam unctuosamente, hypocritamente, a fivela do sapato do bemfeitor. Era um habito, era uma abdicacão, era uma vergonha. Bocage, pelo contrario: mendigava,—mas protestava. Foi pedinte, não por costume, não por indole, não por boateza,—mas por necessidade organica, inadiavel, no ultimo extremo, na ultima miseria, protestando sempre, rebellando-se sempre. Era a revolta natural do obreiro contra a sociedade que desvalorizava a sua obra. Como havia elle de comer, se vendia os livros a Thadeu Judas por tres moedas? Como havia de vestir-se, com a miseria que lhe dava por mez frei José

Velloso? Constragido pela fome, recorria á mendicidade, não como uma dadia vexante,—mas como uma indemnisação. Não recebia a esmola com humildade; aceitava-a com altivez. Como Diogenes, não pedia; réclamava o que lhe era devido. D'ahi, a ausencia logica, em Bocage, de todo o sentimento de gratidão. Accusavam-no de ingrato todos os seus protectores, costumados á genuflexão hypocrita do reconhecimento,—José de Seabra e a marquezia d'Alorna, Thomé Barbosa e frei Joaquim de Foyos. Bocage nunca soube agradecer,—como nunca soube lisongear. Era uma creatura aspera, selvagem, primitiva, independente. Ao passo que Tolentino, com a fita de Christo sobre a véstia de seda preta, dava lições de subserviência e de unctuosidade aos franciscanos profissionaes,—Bocage estendia a mão com altivez de quem reclamava uma dívida. Os poetas das luminarias e dos outeiros pediam como bandalhos, estendendo o tricorne: Bocage mendigava como um grande de Hespanha,—de chapéu na cabeça. Não foi apenas o mais brilhante dos sonetistas que teve e seculo XVIII,—mas também, e acima de tudo, o mais fidalgo dos mendigos que tem tido Portugal!

Julio Dantas.

D'ALÉM-MAR

Manaus, 2-5-911

A chegada do sr. Sá Peixoto a Manaus—O povo alarmado—Comentarios.

Havia amanhecido, ha pouco, o dia 23 do mez passado, quando se soube, de fonte segura, que chegava á capital o sr. Peixoto, ex-vice-governador do Estado.

Os commentarios, ás vezes bem duros, ouviam-se por toda a parte, e a cada momento recordava-se a data tragica de 8 de outubro. O povo, agitado e ansioso, esperava o desembarque do ex-funcionario do Estado.

Alguns portuguezes, que tinham soffrido também com o roteiro de que Sá Peixoto havia sido um dos principaes causadores, esperavam-no para lhe manifestar na sua attitude, não diremos hostil, mas de indifferente, toda a antipathia que elle lhes merece.

Os portuguezes, residentes em Manaus, não poderão esquecer nunca aquelles tragicos dias de outubro em que correram perigo a sua vida e os seus haveres, e lamentam que Portugal, paiz de tão gloriosas tradições, não faça respeitar peios paizes estrangeiros os direitos e regalias de que por lei gosam os seus subditos que vivem em terra estranha.

Era meio dia, pouco mais ou menos, quando a chegada do sr.

Maria da Esperança

E' grande o meu prazer em perpetuar o nome d'esta mulher, se este livro chegar á publicidade.

São 11 horas da noite do dia 31 de Dezembro de 1903, vespera do dia de anno bom de 1904; tão vivas são as minhas recordações, tão pungentes as minhas saudades dos tempos idos, tão claras as minhas ideias, que eu sinto-a junto a mim; vejo-a sentada á porta do seu solitario albergue, dedilhando na banza sentidos accordes, que só ella e Deus sabiam interpretar.

Quando a conheci já estava minada pelo mal que lhe cavava os pulmões, solapando-lhe a existencia.

De mediana estatura, a tez morena, acabocada, os cabellos negros como o ebano, vastos e abundantes, o semblante era risonho, agradável,

Sá Peixoto foi annunciada com repetidas girandolas de... assobio.

O rodovaid da «Manaus Harbour» estava repleto de povo que, de tempos a tempos soltava estrondosos gritos de «abaixo» e «morra», quando o vapor «Ceará», onde inha Sá Peixoto, se aproximava.

O sr. Peixoto, para entrar em Manaus, havia pedido as garantias federaes, mas o governo do Estado só por meio d'um estratagemma conseguiu garantir-lhe o desembarque.

O governo entendeu que era preciso illudir o povo, para evitar scenas sangrentas, e então determinou quo Sá Peixoto desembarcasse mais tarde, inesperadamente, em S. Vicente.

Na occasião em que o povo se manifestava contra o ex-vice-governador do Estado, appareceu Silverio Nery que foi apupado pela multidão sobre a qual desfechou dois tiros que foram correspondidos por outros, dados por alguns populares contra a embarcação, o que deu logar a que o respectivo catraeiro se atirasse ao rio.

Mais tarde appareceram Julio Nogueira, Thomaz Vaz, e o Dr. Santa Cruz, que foram também recebidos hostilmente.

O sr. Peixoto, que se acolheu ao 46, não se atrevendo a sair á rua, constituia em Manaus um motivo de constante sobresalto, talvez, por isso, o governo o aconselhou a retirar-se o que fez incognitamente, no dia 25.

O vapor Ceará saiu neste dia, levando a bordo o general Trompovschy que se dirigia para o Rio, chamado pelo ministro da guerra. Conforme o plano combinado, altas horas da noite, o Ceará voltou para traz, a buscar Sá Peixoto, que disfarçado em soldado do 46, e fingindo-se doente foi transportado em direcção a S. Vicente onde embarcou.

—Seguira para Portugal os srs. Francisco Fonseca, honrado administrador das officinas do «Palaiz Royal», Antão Nunes Sequeira, respeitavel empregado da Fabrica Bijou.

—E' amanhã que completa mais uma primavera o sr. Manuel Vicente da Cruz, commerciante nesta capital. Republicano apaixonado, defendendo o seu ideal sempre com entusiasmo, o sr. Cruz gosa de geraes sympathias pelo seu caracter franco e honesto. Pela nossa parte, cumprimos-lhe muito cordalmente, desejando que a vida lhe corra sempre próspera.

Annibal C. F. Paiva.

A SAHIR BREVE:

A Corte de Junot em Portugal

Historia Nacional por

Rocha Martins

embora picado aqui e acolá por ligeiros signaes de bexigas quasi extinctos. Os dentes alvos contrastavam com dois olhos negros, bem rasgados e de indizível doçura.

Do passado nada se soube; não revelou nunca o seu segredo.

Condoído do seu triste penar, procurei alliviar-lhe as dôres e raro se passava uma tarde em que alli não fosse ouvir suas endeixas ao som da banza.

Inquerida por vezes acerca do seu passado, mantinha-se em absoluta reserva, deixando-me, uma só vez, atravez de suas palavras, advinhar que viera do Porto, victimada por uma paixão desordenada, que lhe estava cavando a sepultura.

—«Fui feliz; gosei o mundo, disse-me a Esperança! Também de elle não levo saudades! Matou-me a felicidade, o corpo e a alma, o unico inimigo da mulher... o coração! Amei muito, muito e com isto tenho-te dito tudo.

NOTICIARIO

A' foiçada—No domingo, encontraram-se, no campo, Francisco das Viólas e Luiz do Roque, d'esta villa, que, pelos modos, ha muito se desafiavam por causa de... *cherchez la femme*. Trocadas algumas razões, o Roque adeantou-se para o Viólas e descarregou-lhe uma foiçada na cabeça, produzindo-lhe um grande golpe e fazendo-o cair por terra. O ferido recebeu os primeiros curativos na pharmacia do nosso amigo sr. Aristides Dias de Figueiredo.

Telha—Coseu-se, aqui, na quinta-feira, a primeira fornada de telha d'esta época. Coube a estreia ao importante industrial e nosso amigo sr. Francisco Nunes Genio a quem desejamos as maiores prosperidades nos seus negocios.

Recenseamento eleitoral—Pede-nos um illustre desconhecido a publicação de um longo arrasoado em que pretende provar que o recenseamento eleitoral do concelho d'Aveiro, pelo menos na parte que diz respeito a esta villa, não está bem organizado. Ao illustre desconhecido recomendamos a leitura do seguinte que consta do cabeçalho d'este jornal — «não se aceita collaboração que não seja solicitada». Que, diga-se de passagem, para quem sabe lêr, isto não se entende com toda a gente. De resto, o recenseamento poderá não estar bem feito, não temos duvida nenhuma em acredita-lo, mas faltam-nos elementos para o apreciar. Pois se nem sequer pela capa o conhecemos...

Uma iniciativa sympathica—Os estudantes do Lyceu d'Aveiro pensam em realizar um espectáculo cujo producto reverterá a favor do velho continuo d'aquelle estabelecimento de ensino sr. José do Nascimento Correia o qual desempenha o seu cargo, sempre com honestidade e correcção, desde 1869, ha nada menos de 42 annos.

Velho, e talvez doente e pobre, bem merecia que o Estado se lembrasse d'elle, decretando-lhe uma pensão e deixando-o ir passar, em socego, junto da

«Ah!... Se Deus me tornasse a saude, Carochas, meu bom amigo, seria o terror dos homens! Tu que és tão meu amigo, que tanto te condões da minha miseria, do que tenho as provas todos os dias, tu mesmo não escaparias á minha sanha... Vibora, eu te empenharia Dos homens a quem todos odeio, só exceptuo um... Tu!...»

Morava em uma casinha terrea de porta e janella; a porta dava entrada a uma salinha, tendo por unica mobilia um banco, um pueiro d'agua e um fogãozinho de carvão. A janella abria sobre um quartinho contiguo á sala, onde tinha a cama, uma mesa e sobre ella um oratorio com a imagem do Crucificado.

Ao cahir da tarde, sentava-se á porta, na soleira e depois de muito meditar, tendo o queixo apoiado sobre a palma da mão, pegava da banza (viola de corda de arame), harpejava algumas melodias e depois cantava cinco estrophes lyri-

familia, os ultimos dias da vida. Mas, enquanto o Estado não cumpre o seu dever, fa-lo a mocidade, que é sempre boa e generosa.

A iniciativa dos estudantes do Lyceu d'Aveiro deve ser bem recebida e o espectáculo promovido a favor do bom velhinho José Correia, ha-de ser muito concorrido.

Assim o desejamos.

Valle do Vouga—Os trabalhos da linha do Valle do Vouga, no ramal d'Aveiro, proseguem com muita rapidez, estando assentes os rails até á ponte da Rata. A conducção do material preciso, é feita por uma machina e dois vagons.

Diz-se que para Agosto ou Setembro, far-se-ha a inauguração do referido ramal. «Oh quem dera», dirão os nossos presados conterraneos que estão ausentes e que desejam visitar de vez em quando a sua linda Eixo, mas que desistem de o fazer, quando se lembram da maçada formidavel de duas leguas de char-à-banc.

Alguem cá da casa, (o grande mandrião do nosso El-Vidalonga), pertence áquelle numero: talvez, agora, ao saber a boa nova, lhe volte o antigo bom humor, e lhe dê para anunciar aos seus conterraneos, em vistosa gazetilha, que, para Agosto ou Setembro, lá o têm a fazer-lhes uma visita.

Que El-Vidalonga se convença de que os seus conterraneos estimarão muito a sua visita, mas que não estimarão menos uma gazetilha, ao menos de oito em oito dias...

Junta de Parochia—Consta-nos que alguns membros da commissão administrativa parochial querem pedir a demissão, entre elles o proprio presidente sr. João Simões Pereira.

Apenas a titulo de informação, damos esta noticia, tanto mais que desconhecemos os motivos que levaram os dignos membros da junta a tomarem tal resolução. Aproveitamos a occasião para manifestar o desejo de que, tendo de ser substituidos alguns, se escolham para o seu logar pessoas capazes de se interessarem pelo progresso d'esta terra.

Será preciso, decerto, ir busca-las aos antigos progressistas

ou franquistas, visto que os republicanos historicos, aqui, são em numero reduzidissimo e foram já todos ou quasi todos aproveitados para a primitiva constituição da junta.

Mas, talvez isso seja um bem se assim tiver de acontecer, porque o pessimo criterio politico dará logar, ou pelo menos pode dar, ao criterio da competencia e de honestidade.

Fallamos, em geral, e estas ligeiras considerações são-nos suggeridas apenas pela nossa maneira de vêr e de sentir a respeito do que se costuma chamar—*politiquice*.

Temos odio a essa velha matrona, e, digamo-lo com toda a verdade, é a unica creatura que nos merece tal sentimento.

Mas deixemo-nos de divagações. Para terminar, diremos que sentimos as desintelligencias que, segundo nos consta, reinam entre os membros da actual Junta, tanto mais que muito havia a esperar da sua administração não só pelas qualidades pessoas de cada um d'elles, mas ainda porque é a primeira commissão parochial republicana que decerto teria interesse em que a sua gerencia fosse modelar, sob todos os pontos de vista.

Adeantamentos—Na nota dos adeantamentos publicada no ultimo numero d'este jornal passou um lapo importante: a quantia a que ahi se faz referencia, a bagatella de 3:246:741\$160 réis, foi adeantada apenas a D. Carlos. A totalidade dos adeantamentos á familia desthronada anda por 6 mil contos.

Candidatos por Aveiro—Porque houve algumas alterações na lista dos candidatos pelos circulos d'Aveiro, que publicamos no ultimo numero, damos a seguir a relação das candidaturas que foram sancionadas pelo Directorio:

Aveiro—Manuel Alegre, Sidonio Paes, Alberto Souto. Pela minoria: Albano Coutinho e Cunha e Costa.

Estarreja—José Bessa de Carvalho, Elycio de Castro e Antonio Maria Valente d'Almeida. Pela minoria: Egas Moniz.

Oliveira d'Azemeis—Antonio Brandão de Vasconcellos, Francisco Correia de Lemos, Antonio Maria da Cunha, Marques da Cunha. Pela minoria: Eduardo Ferreira d'Oliveira e Barbosa de Magalhães.

A quarta, sim, dou te a quarta; E' uma rosa... mas olha: Se eu morrer e tu sentires, Na minha campa a desfolha.

As cordas do pinho não soavam, gemiam sob os dedos nervosos que as tangiam; a musica tristissima, de que bem me lembro, cantada pela voz suave da Esperança, repassada da amargura que se lhe lia no semblante, onde as lagrimas se crystallisavam como perolas desgastadas d'aquelles bellos olhos, pairava pelos arredores, adejava sobre os ouvidos e raro era aquele que não soluçava com ella.

Logo que concluia os ultimos versos, suffocava com a mão as vibrações das cordas, erguia-se risonha, enxugava os olhos e exclamava:—Rosas desfolhadas na minha campa, rapazes: agora sim; sinto-me bem; a minha alma se desafoga, quando lhe dou d'estas lavagens. Fui a ferias em 1861; quando

cas, que sempre pensei serem da propria lavra ou talvez do rapaz que lhe produziu aquelle ardente amor.

Lembro-me bem da primeira e da ultima; tenho o nome das flores, mas não dos versos.

Erão assim:—

Em má hora, anjo querido,
Me pediste uma flôr;
De quatro que aqui trago,
Nenhuma fala d'amôr.

A primeira é uma saudade,
Que me deram quando amei,
... .. que soluçei.

A segunda é um martyrio,
Cujos espinho atravessou.

A terceira é um goivo,
Colhido na Campa-fria

... .. o coração de Maria

Bispo d'Angola e Congo—O nosso excellentissimo amigo sr. D. João Evangelista, illustre Prelado d'Angola e Congo, teve a ultimamente, as seguintes publicações: *Relatorio para a Bulla da Santa Cruzada, A Paixão*—sermão pregado, pela Semana Santa, na Sé Cathedral de Loanda—, e *Um caso de philosophia moral*, terceiro fascículo da interessantissima serie «Arte e Sciencia» que S. Ex.^a Rev.^{ma} ha tempos iniciou, com o sympathico fim de concorrer para a educação litteraria, esthetica e moral dos seminaristas de Loanda.

Ao sr. D. João Evangelista, os nossos mais vivos e reconhecidos agradecimentos.

Relatorio—Acabamos de receber o relatorio e contas do conselho director da *União dos Empregados do Commercio do Porto*, relativo ao anno de 1910. E' um documento elaborado conscienciosamente, e por elle se reconhece quanto o caixeiro e o commercio, em geral, devem áquella importante e progressiva Associação de Classe.

Ha no referido relatorio uma pagina luctuosa que nos comoveu profundamente: é a que se refere ao nosso saudosissimo amigo Luiz Felix Pereira de Menezes que prestou esplendidos serviços á classe que se honrava de o ter como membro.

Gralhas—Quem tiver uma certa responsabilidade litteraria neste jornal e lêr o ultimo numero não pôde deixar de corár, tal é a quantidade das gralhas que em algumas secções se encontram. Os typographos, o revisor, e talvez até o redactor, precisavam todos, não dizemos mais, mas de serem condemnados, ao menos, a desterro... perpetuo para onde não houvesse typographias, nem tinta nem papel.

De resto, não é apenas cá pela casa que taes desastres acontecem. E' o que nos vale. Se não fosse servir-nos de conforto a desgraça alheia já teriamos, pelo menos, ... mudado de revisor.

Pela imprensa—Acabamos de receber o 1.^o numero da *Revista de Manaus* (Brazil), publicação litteraria, scientifica

e commercial de que é director e um dos proprietarios o sr. Henrique Pires. Lêmos já algumas das suas paginas que nos deixaram boa impressão. Parece-nos que ha-de ter um bello futuro. Assim o desejamos.

—Começou a publicar-se, em Albergaria-a-Velha, um novo semanario, intitulado *Jornal de Albergaria*, de que é director o sr. Domingos Guimarães e redactor principal o sr. Eugenio Ribeiro. Apresenta-se como independente e pelas afirmações que faz no seu primeiro artigo parece vir animado das melhores intenções. Cumprimentamo-lo cordealmente e desejamos-lhe vida longa e prospera.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisbon, 18

O sr. Francisco Ferreira, de quem fallei na minha ultima correspondencia, é official e não contramestre do sr. Figueiredo, como disse por lapso.

—Tem sido imponentissimas as festas realizadas nesta cidade em honra dos congressistas estrangeiros. O jardim da Estrella, que é um dos passeios mais lindos da capital, esteve concorridissimo, principalmente de senhoras que lhe davam um aspecto delicioso com as suas toilettes proprias da estação. O dia, que tinha annunciado limpo e sereno, como que annunciando festa, pelas duas horas da tarde começou a taldar-se, cahindo alguma chuva e ouvindo-se alguns trovões. Felizmente, a trovoadá passou e a chuva tiveram os mosquitos mão nella no ar.

O largo fronteiro ao jardim esteve sempre apinhado de povo. Durante a tarde, tocaram duas bandas regimentaes, a da Marinha e da Guarda Republicana. Pelas 7 horas, terminou o lindo festival que devia ter deixado a todos os assistentes as melhores impressões.

—Passou, ha dias, o anniversario natalicio do nosso amigo Manoel Lopes a quem cumprimentamos cordealmente.

—Tambem no dia 13 passou o 22.^o anniversario natalicio do nosso amigo Adriano Domingos Caldas que convidou para uma esplendida ceia os seus maiores amigos que foram amavelmente recebidos na sua residencia de T. de João n.^o 47. Estiveram presentes os srs: Antonio Jorge Rodrigues, Francisco Marques dos Santos, Silverio de Carvelho, Antonio Marques d'Assumpção, Antonio José Affonso, Antonio da Pena Figueiredo, Horacio Rodrigues d'Oliveira, José Carneiro, João Domingos Caldas, Antonio Augusto Moraes e quem escreve estas linhas.

A ceia, que decorreu muito animada, começou ás onze horas da noite, fazendo ouvir-se na sala uma troupe de bandidos sob a direcção do nosso amigo Jorge Rodrigues que improvisou algumas quadras para felicitar o sr. Caldas, entre as quaes nos recorda ter ouvido estas:

E's gota d'orvalho puro
Com a saudade a voar
Bandeira de seda-anil,
Com que a gente te vae brindar

Annos são risos que morrem
Com a saudade a voar,
São andorinhas que partem
Para nunca mais voltar.

esse talento fulgurante, estrella de primeira grandeza entre as mais notadas artistas. Quiz vêl a no papel de Severa, sua criação e talvez a sua corôa mais bella.

Foi para mim uma revelação! A Severa bateu-me em cheio nos olhos, como a Maria da Esperança! Viva em corpo, alma e ademanos! Perfeitas Sozias, não calculei nunca que dois entes pudessem assim se adivinharem!

A Maria Esperança resuscitou na Angela Pinto para fazer aquelle papel, não na Angela emquelle toilette, mas em trajes de Severa. Tive o prazer de ser-lhe apresentado nessa noite, de que guardei eterna lembrança.

Que mundo de pensamentos! Como me arfava o peito anhelante pelo impeto da alegria e da tristeza em lucta com as saudades ao ouvir o fado, o mavioso fado da Severa, que tantas vezes o pontamos eu e o Justino Bigot, José Do-

Bem sei que me chamas tolo
Por em meus versos te cantar,
Mas que sejas muito feliz...
Foi o que se pode arranjar.

E's um anjo, amiguinho,
Por que meu coração dancei;
Viva o coelho «á caçadora»
E a salada «á fragateira».

E' provavel que eu tenha estropiado a produção poetica de Jorge Rodrigues. Se assim tiver acontecido que me perdõe o improvisador.

Levantaram-se ainda alguns brindes muito affectuosos que o sr. Caldas agradeceu muito commovido.
Eram quatro horas da manhã, quando terminou a linda festa pela Portuguesa, executada pela troupe e ouvida de pé por todos os assistentes—Melicias.

S. João de Loure, 18

Parece certo que a camara de Albergaria votará a quantia de duzentos e tantos mil reis, destinados a quaesquer melhoramentos nesta freguezia.

Consta-nos que se pensa em aplicar a referida quantia na abertura d'uma avenida desde a ponte direita até o logar dos Cazas. Entendemos que não é esta a necessidade mais urgente da nossa terra.

Como nós, pensa a maioria da população que aquelle capital deve ser empregado na construcção d'uma casa propria para a Fscola dos dois sexos. E' bem verdade que 200 e tantos mil reis não chegam de modo nenhum para tal construcção, mas, com a ajuda do pessoal da camara, alguma coisa se poderia fazer, já este anno, e ninguem tem o direito de dizer que a camara, em annos subsequentes, não vote em favor d'esta freguezia subsidios lenticos ao que agora votou ou vae votar.

Ahi fica o alvitre, e muito estimaremos que o tome em consideração o digno vereador sr. Joaquim Rodrigues de Mello, certo de que elle não representa uma opinião pessoal, mas a maneira de ver da maioria da população d'esta freguezia.

—Continua a roubalheira. Os queixosos são numerosos. E' me mesmo impossivel dar o nome de todos. Em Loure, tem sido assaltadas muitas capoeiras, e, no Coval, a salgadeira do sr. José Nunes Abreu levou uma limpeza de primeira ordem.

Ha necessidade urgente de as autoridades tomarem serias providencias.

—Acha-se bastante doente o nosso bom amigo sr. José d'Almeida. Desejamos-lhe rapidas melhoras.

—Está para breve o casamento do nosso amigo José Nunes dos Reis com a gentil menina Anunciação Rodrigues da Silva (Canellas).

—Foi aqui muito apreciada a ultima correspondencia do nosso amigo e sollicito correspondente d'este jornal na Capital sr. José Rodrigues Correia de Mello (Melicias).

Queixa-se elle de que eu me afasto, de vez em quando, do meu posto. Sirvare de desculpa o facto de ter estado ausente durante algum tempo.

De resto, farei esforços para d'aqui em diante enviar, com certa regularidade as minhas informações.—C.

A AGUIA

Revista quinzenal illustrada

de litteratura e critica

Sae a 1 e 15 de cada mez e só publica inéditos.

Cada numero, 50 réis

ria e o Fructuoso, acompanhados pelo Guimarães e o Bandeira ao violão e depois... depois...

O Conde de Vimioso
Immenso golpe soffreu.
Quando vieram dizer-lhe,
A Severa já morreu!
A Severa já morreu!
Está na eterna mansão,
Fazendo os anjos fadistas,
Pondo tudo em confusão.

Ornae o braço da banza,
C'o laço de negro fumo;
Des'que a Severa finou se
O fado perdeu o rumo.

Não sei porque, adulterando a verdade historica, o auctor do bello drama alli faz apparecer o Marialva, pelo conde de Vimioso?!

Não é desdouro! O denodado cavalleiro que se arrojava, na furia de um louco, sobre as pontas de

Curiosidades

TORRE DOS CLERIGOS

Entre os edificios religiosos de aspecto verdadeiramente original que existem em Portugal e cuja grandeza é conhecida em toda a Europa tem logar a Torre dos Clerigos.

Este monumento, que serve de signal aos navegadores, que pretendem entrar na difficil barra do Douro, é de construcção muito moderna. Foi começada em 1732 e acabada em 1763.

E' a torre mais alta que existe em todo o paiz, uma das obras mais notaveis da cidade do Porto e alevantada pelo architecto italiano Nicolau Mazoni.

Affirma-se que os sinos da torre tem uns 100 e outros 200 arrobas. A egreja que serve de principal ornamento, foi sagrada em 1779 como se vê de uma inscripção latina gravada na porta collateral do norte.

Esta mesma inscripção attesta que a obra foi feita á custa do clero, circumstancia que explica o motivo por que se lhe poz aquelle nome.

Uma confraria a que pertencem alguns seculares abastados da provincia, conserva ainda hoje o templo de Nossa Senhora da Assumpção e seu curioso monumento.

Leituras amenas

A'S MOÇAS SOLTEIRAS

Quem casa com militar
Tem bastante que aturar.
Quem casa com embarcadiço
Vive sempre em rebolião.
Quem casa com estudante
Dá prova de extravagante.
Quem casa com caixeiro
Vive ao pé do candieiro.
Quem casa com negociante
Tem vida muito abundante.
Quem casa com carpinteiro
Soffre falta de dinheiro.
Quem casa com alfaiate
Não ha nó que não desate.
Quem casa com sapateiro
Quasi nunca tem bom dinheiro.
Quem casa com taberneiro
Vive sempre no chiqueiro.
Quem casa com escrivão
Traz pulgas no coração.
Quem casa com demandista
Nunca mais levanta a crista.
Quem casa com soldado
Fica logo em mau estado.
Quem casa com italiano
Chora seu mal todo o anno.
Quem casa com francez
Gosa venturas um mez.

ABC Illustrado

POR

ANGELO VIDAL

um touro feroz, na sorte da estribeira, que só elle, que a creou, logrou executar a, suspensa a vida entre a dextreza do cavallo russo, unico que montava para a perigosissima sorte, e a firmeza da mão armada com a fragil farpa, como tive occasião de ver em touradas dos fidalgos, nada perderia da sua fidalguia ao lado da Severa.

Grande cavalleiro, grande artista, em toda a pujança de sua nobreza era tambem um grande bohemio, o Conde de Vimioso.

A gloria de inutilisar pela sua artistica agilidade os impetos da bravaria fera, como primeiro cavalleiro toureiro do mundo, não se amesquinhasse ante a de trazer humilde e submissa á estribeira, ferida pelas farpas do amor, a Severa, a panthera do Bairro da Alfama, humilde submissa, depondo domada a faca, o fado, a banza, o corpo, a liberdade, a vida aos pés do homem que a fascinara, de quem se con-

LISTA DOS SUBSCRITORES

Subscripção aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

Transporte . . .	174\$650
Padre Manuel da Cruz . . .	1\$500
José Liborio	1\$000
D. Carolina Adelaide de Mello . . .	1\$000
Manuel Rodrigues Vieira . . .	1\$000
Bispo d'Angola e Congo . . .	10\$000
Somma	189\$150

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.^{ma} Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo Figueiredo, em Eixo; Manoel de Moura e Avelino Dias de Dias Saldanha, em Lisboa, Rua Augusta, n.^o 100-1.^o; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.^o 36.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Rudimentos de Sciencias Naturaes, conformes os programma de 1902.

POR

ALVARO M. MACHADO

Bacharel formado em Philosophia e Medicina pela Universidade e professor effectivo do Lyceu D. Manuel II

E

A. A. FLORES LOUREIRO

Medico cirurgião pela Escola Medica do Porto e professor interino do mesmo lyceu.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

A SAHIR BREVE

A Deshonra

ROMANCE POR

D. João de Castro

vertera em escravo! Quando muito, seria uma ligeira curvatura na recta da nobreza.

A memoria do nobre Conde de Vimioso não se aviltaria com isso e o drama, respeitando a verdade, ganharia os foros de historico, aliás com justiça; mataria o anachronismo, que lhe tira uma grande parte do merito.

O acto que não deslustra durante a vida, mero desvario tão vulgar na mocidade, não deslustra depois da morte.

Ao auctor do drama peço venia, com muita reverencia, para este ligeiro juizo.

Dr. Antão de Vasconcellos.

(Do «Mata-Carochas»)

voltei não mais encontrei a Maria da Esperança. Havia mudado de casa e ninguem mais deu-me noticias d'ella. Soube mais tarde que morrera no hospital.

Inquiri do cozeiro do Cemiterio do Pio, o Antonio, e elle lembrava-se de ter sepultado uma mulher, que morrera tuberculosa no hospital.

Mostron-me a sepultura raza, onde devia jazer.

No seguinte dia, alli fui carregando um braçado de rosas, que todas desfolhei sobre a sua sepultura, cumprindo o seu desejo... na minha campa a desfolha.

Tal é a triste historia d'esta mulher perdida, que se ergueu do lodo, levantada pelo amor.

Bem diz o Marques de Maricá em suas maximas: — *A prostituta é uma ulcera social que só cicatriza a morte ou uma paixão ardente.*

Quando esteve entre nós a eximia actriz portugueza Angela Pinto,

Livraria Fernandes

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS
ESCOLAS PRIMARIAS

(Ilustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados tipos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.^a e 5.^a classes, por Angelo Vidal.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA
LINGUA PORTUGUEZAPARA
USO DOS ALUMNOS
D'INSTRUÇÃO PRIMARIAElaborada segundo os actuaes programmas
POR

ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Tem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de instrução primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.^a 2.^a e 3.^a classes de Instrução Primaria, por A. M. F.

3.^a edição. . . 100 reis

ANGELO VIDAL

A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR
Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguém disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte.

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR
VIEIRA DA COSTA

OS TRISTES

POR
FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

LIVRARIA CENTRAL
DE
Gomes de Carvalho, editor
158, Rua da Prata, 160—LISBOA
MALVERT
SCIENCIA E RELIGIÃOTraduzida da 3.^a edição
franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em forma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genese e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual for a sua opinião e a sua crença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 réis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.—32 paginas—50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.^o volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas, «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as Livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanao independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:
R. de S. Miguel, 36--PORTOASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal—anno 1\$200
» —semestre 600
Africa —anno 1\$500
Brazil —anno—(moeda forte) 2\$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha . . . 10 reis
Communicados, cada linha . . . 20 »
—
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.
—
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Cam.º Int.

4.^o ANNO—N.º 20